

CERIMÔNIA DO DABUCURI: UMA REFLEXÃO SOBRE PATRIMÔNIO IMATERIAL DO ALTO RIO NEGRO

Rosilene F. Pereira (Rosi Waikon) (UFSC)¹

Resumo: A cerimônia do Dabucuri é um ritual milenar dos povos² indígenas do Alto Rio Negro, Amazonas, agrega um conjunto de conhecimentos tais como as narrativas de criação da humanidade, territórios, casas ancestrais, alianças matrimoniais, ritos de passagens, origens das roças, mandioca, pupunha, umari³, dos passáros, animais, seres míticos, astros, estrelas, rios e da mata. Neste ensaio aborda-se o Dabucuri como patrimônio imaterial e sua importância aos povos do Alto Rio Negro. Reflete-se a cerimônia do Dabucuri a partir de leituras etnográficas de alguns pesquisadores e da memórias de meus familiares.

Palavras-chave: Dabucuri. Patrimônio imaterial. Povos indígenas. Alto Rio Negro.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFSC, Mestra em Antropologia Social - UFAM, Licenciada em Ciências Biológicas – UFAM. E-mail: rosiwaikhon.ifp@gmail.com

² Arapaços, Piratapuia, Tukano, Tariano, Baré, Maku, Baniwa, Barassana, Kubeo entre outros.

³ E de outras frutas.

Abstract: The Dabucuri Ceremony is an ancient ritual from Indian people of Alto Rio Negro, Amazonas. It gathers a set of knowledge such as narratives of the creation of mankind, territories, ancestral homes, matrimonial alliances, rites of passages, origin of rural areas, mandioca, pupunha, umari, birds, animals, mythical beings, stars, rivers and the woods. This essay approaches the Dabucuri as an Intangible Heritage and its importance to the people of Alto Rio Negro. The Ceremony is presented through ethnographical readings of several researchers and through the memories of my relatives.

Key words: Dabucuri, Intangible Heritage, Indian People. Alto Rio Negro.

Introdução

Neste trabalho apresenta-se a festa Dabucuri, e reflexões acerca da cerimônia como patrimônio imaterial do Alto Rio Negro. O Dabucuri envolve um rol de conhecimentos como as relações entre hierarquia e clãs; culinária; danças kapí-waya, carriçú, japurutu, mawaco; ofertas de frutos, peixes entre outros e trocas de artefatos.

No entanto tais conhecimentos vêm sofrendo perdas desde a época colonial, no qual estes povos foram proibidos de realizar tais cerimônias. Diante disso os povos indígenas do Alto Rio Negro, não deixaram de realizar os Dabucuri, as festas continuaram a ser realizadas nos centros comunitários tais como mencionado no decorrer deste ensaio.

Ressalta-se que na região do Alto Rio Negro os 23 grupos étnicos praticam a festa do Dabucuri nos centros comunitários, mas são eventos pontuais. O objetivo desse ensaio é apontar a importância do Dabucuri como patrimônio imaterial do Alto Rio Negro.

Localização do Alto Rio Negro

O Alto Rio Negro é habitado por diferentes grupos étnicos entre os quais: Arapaço, Dessano, Baré, Tukano, Baniwa, Piratapuia, Miriti-tapuia, Tariano, Koripaco, Yanomami e Wanano.

A região está localizada no estado do Amazonas e extremo norte do Brasil. É constituída de terras indígenas e sobreposição de duas áreas de unidades de conservação. Alto Rio Negro, Alto Rio Negro I, Médio Rio Negro I e II, TI Rio Tea, Apaporis, e Uneuixi, demarcadas e homologadas em 1998, em extensão contínua e área Yanomami. As unidades de conservação localizam-se no Parque Nacional do Pico da Neblina (parte sobreposta nas Tis Yanomami, Balaio e Médio Rio Negro II) e na Reserva Biológica Estadual do Morro dos Seis Lagos (incidente no Parque Nacional e TI Balaio) (CABALZAR & RICARDO, 2000). Duas áreas foram reconhecidas recentemente Terra indígena Balaio e Marabitana Cué-cué.

As áreas são habitadas por um conjunto diversificado de povos indígenas pertencentes a 23 grupos étnicos agrupados em quatro famílias linguísticas: Aruak, Maku, Tukano e Yanomami, que vivem distribuídos em cerca de 750 comunidades e sítios ao longo dos Rios Negro, Uaupés, Tiquié, Papuri, Içana, Ayari, Xié, Maturacá, Curicuriari, Marié e Uenexi (CABALZAR & RICARDO, 2000).

Algumas reflexões sobre Patrimônio Imaterial

A convenção da Unesco para Salvaguarda do patrimônio imaterial, adotou o conceito de patrimônio cultural imaterial em 2003. A convenção assim define patrimônio imaterial

são os usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas –junto com os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são inerentes- que as comunidades, os grupos e em alguns casos os indivíduos reconheçam como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é recriado constantemente pelas

comunidades e grupos em função de seu entorno, sua interação com a natureza e sua história, infundindo-lhes um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (2003, p.5)

Essa definição de aspecto coletivo e passado de geração em geração, a concepção dinâmica desses bens culturais vai ao encontro a definição na Resolução Iphan nº 01, de 2006, que regulamenta a instrução do processo de Registro e assim define:

bem cultural de natureza imaterial como “as criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social”, ressaltando que, neste contexto, “toma-se tradição no seu sentido [...] de ‘dizer através do tempo’, significando práticas produtivas, rituais e simbólicas que são constantemente reiteradas, transformadas e atualizadas, mantendo-se para o grupo, um vínculo do presente com o seu passado” (IPHAN, Res. 1, 2006)

Castell et al (2008) também abordam o novo conceito de patrimonio cultural imaterial adotado pela UNESCO 2003, em lugar da categoria cultura tradicional e popular 1989, conceito que abrange manifestações culturais.

A parti desses elementos coletivos e manifestações culturais que expressam a identidade e cultura social de um grupo, práticas produtivas, rituais simbólicos podemos sugerir a cerimonia do Dabucuri como um Patrimonio Imaterial dos povos indígenas do Alto Rio Negro.

A Cerimônia do Dabucuri

O Dabucuri é uma cerimônia milenar que ocorre há anos na região do Alto Rio Negro. Durante a cerimônia ocorrem trocas de saberes e conhecimentos que envolve cantos, música, dança, bebida, alimentos, histórias, ornamentos, ritos de passagens, momentos de aliança política social e arranjos matrimoniais.

A realização do dabucuri nas comunidades indígenas do Alto Rio Negro é frequente, aspecto relevante para reflexão da manifestação cultural como

patrimônio imaterial desses povos. Manifestações que propiciam reconhecimento da resistência cultural milenar frente anos de contato, no qual missionários criminalizavam as cerimônias por considerarem eventos demoníacos. Tal contexto levou a distorções dos diversos símbolos sagrados incluindo as casas tradicionais, as caixas de ornamentos, as bebidas como o *kaapi*⁴ e *caxiri*⁵ e dos aspectos rituais das cerimônias. As casas tradicionais foram descritas por viajantes naturalista como Alfred Russel Wallace, etnólogos como Stephen Hugh-Jones e missionários salesianos como Alcionilio Bruzzi.

Segundo Menendez (2014, p.134) antes da colonização, os povos do Rio Negro viviam em moradias coletivas, as casas sagradas, conhecidas também como Malocas, constituídas de elementos simbólicos centrais da mitologia e concepção de mundo desses povos.

Quando os colonizadores missionários chegaram, consideraram as casas tradicionais como lugar de orgias e sem higiene. Diante disso, as casas, os ornamentos milenares e as parafernália sagradas foram queimadas. Uma semelhante atuação do Estado brasileiro na tentativa de dominação, apagamento da identidade e incorporação dos indígenas a sociedade nacional, um dos atos primordiais do programa civilizador dos missionários consistia na destruição das malocas.

A última a ser queimada assim assinalada por Kurt Nimuendajú (1927, apud PAULA, 2012, p.11) “foi destruída a última maloca tradicional indígena (em Urubuquara) a pedido de um missionário salesiano”. As Casas tradicionais não eram apenas moradia comunitária, mas um espaço fundamental para realização dos rituais, convivência social e política dos familiares. A parte interna era composta de diversos significados especiais, quatro pilares internos, para vivências e realização das cerimônias de Dabucuri.

A intervenção dos missionários na demonização das casas tradicionais desses povos não intimidou a continuidade das festas, os povos indígenas se reorganizaram politicamente.

4 *Banisteria kaapi*, bebida feita de modo especial a parti do tallos da planta-cipó pelos velhos.

5 Bebida fermentada feita especificamente pelas mulheres, durante os Dabucuri as mulheres disputam qual é melhor, sendo ganhador aquele que embriaga os convidados.

A reorganização política das comunidades em associações indígenas nos anos 90 revitalizaram as casas tradicionais. Nos anos 90 após a criação da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN e outras associações indígenas, as Casas Tradicionais, foram reconstituídas, agora como centros culturais, locais de eventos, reuniões, assembleias e em ocasiões especiais para recebimento de lideranças das comunidades e visita de representantes governamentais e não-governamentais. Nesse aspecto um dos eventos marcantes numa das primeiras Casas Tradicionais reconstruídas, foi a Casa do Saber da FOIRN, que em sua inauguração contou com uma oficina de música e dança indígena organizada pelos povos Tuyuka, Tukano, Wanano e Piratapuia. As reconstruções das Casas Tradicionais configuram o fortalecimento dos rituais e da cerimônia do Dabucuri. Presenciei em 2011 um Dabucuri que ocorreu na casa dos produtores direto da roça que ficava situada no centro da cidade de São Gabriel da Cachoeira. Sendo a casa com arquitetura semelhante as casas tradicionais.

No ano novo de 2011, em São Gabriel da Cachoeira, enquanto uma multidão assistia a queima de fogos na praia, uma quadra distante aproximadamente por volta da meia noite e meia, na Casa “Feira direto da roça”⁶, indígenas com cangataras de plumas coloridas, corpo coberto de grafismos, tocavam e dançavam o *cariçú*⁷. Nisso, meu esposo e eu, passávamos pela rua próximo ao campo de futebol da cidade, e ao ver a cena pedi que parasse o carro para que eu pudesse olhar, e assim fiquei observando e ouvindo o compasso e a melodia do *cariçú*. Foi uma cena emocionante, e me marcou profundamente, trouxe-me algumas lembranças de nossos ancestrais; a cena parecia uma espécie de mensagem “estamos aqui” para as pessoas do centro urbano que passavam em frente ao local. Supõe-se que os diversos momentos semelhantes ao episódio mencionado ocorrido com frequência no referido local,

6 Uma casa coberta com caranã, madeira, cipó, caibros e um forno para confecção do beju feito. Arquitetura semelhante as casas tradicionais sem as paredes. Foi criada em 2006 pelos agricultores indígenas comercializar produtos da roça, inicialmente apenas comercializavam os produtos com o passar do tempo passaram a fazer os dabucuris nas datas comemorativas (dia das mães, pais, natal, ano novo...) A casa ficava localizada na área central da cidade.

7 Refere-se a dança e o nome das flautas especiais usadas especificamente pelos homens, os quais compõe diversas melodias.

essa manifestação de resistência tem ocorrido constantemente que acaba despertando um desconforto aos cidadãos gabrielenses contrários à manifestação na área central da cidade. A arquitetura de palha e madeira é renovada sempre que necessário, e em 2013 a casa reformada ganhou ainda mais importância social com atividade intensa de comercialização dos produtos da agricultura indígena e da cerimônia do Dabucuri.

Em meados de 2013, após dois anos na Universidade⁸, retornando a cidade de São Gabriel da Cachoeira como Antropóloga⁹, ouvi rumores que aquele local era uma “vergonha para cidade, os índios viviam bêbados.” Após alguns meses um grupo não identificado ateou fogo na casa. Ficando na memória apenas aquela cena da virada do ano de 2011 e inquietações do fato ocorrido. As tensões com relação aos indígenas na cidade de São Gabriel da Cachoeira são visíveis através de manifestações de críticas negativas, atribuindo sempre de feio, sem higiene e algo do passado. Diante desse contexto, refletir sobre a sabedoria milenar que o Dabucuri é uma forma de demonstrar a importância dos valores na cerimônia e contribuir na revitalização dos rituais, re-elaboração dos objetos sagrados, danças, cuidados das plantas e todo o modo de organização da cerimônia.

O Dabucuri é uma festa de oferecimento e recebimento de dádivas entre clãs e afins, um importante ritual que reafirma as posições étnicas e de grupos familiares (Barra, S.C&Dias.C., 2012).

Geraldo (2004, apud SCOFARRO 2012, p.51) define que:

Dabucuri é uma cerimônia de oferecimento de alimentos e produtos artesanais realizada por todos os grupos da região. Geralmente dá-se entre grupos afins, mas pode ser também realizada entre clãs de um mesmo grupo. Nestas ocasiões os oferecedores se dirigem à aldeia do grupo que será ofertado, munidos de grandes quantidades de peixes, frutas silvestres ou produtos artesanais, como cestos, balaços e tipitis; enquanto os anfitriões os recebem com a maior quantidade possível de caxiri. O que se espera é que a oferta seja posteriormente retribuída, fortalecendo, assim, as relações de reciprocidade e aliança.

8 Cursando o Mestrado em Antropologia social na Universidade Federal do Amazonas - UFAM em Manaus.

9 Contratada pelo Instituto Amazônia e deslocada para trabalhar nos serviços de Assistência Técnica Rural em Comunidades indígenas nos municípios de Barcelos, Santa Isabel e São Gabriel da Cachoeira.

O Dabucuri é sempre lembrado pela geração mais velha, no trabalho de mestrado tia Inês relembrou que vovô *bayá*¹⁰ Waikhen José Vasconcelos disse aos seus familiares: quero fazer uma alegria para eles! Realizar um *Dabucuri* de artesanato, e organizaram o dia da cerimonia. Cada um ficou responsável por fazer balaio e cumatá. Terminando de fazer os artesanatos, combinavam o dia da festa, o momento em que iam encontrar os cunhados e sogro, momento em que ia tomar caxiri, kaarpi e comer *ipadú*¹¹. A festa foi bem organizada, com horário e local certo. Era um Dabucuri da família Piratapuya para os cunhados Dessanos (PEREIRA, 2013).

Nesse contexto Scolfaro (2012, p.57) em sua pesquisa com os Piratapuias do rio Papuri, menciona que as pessoas mais velhas costumam lembrar com tristeza dos tempos que seus pais e avôs realizavam as cerimônias, nas quais pintavam, se paramentavam para dançar e cantar ao som de vários tipos de instrumentos musicais. Descrevem com saudades os dabucuris de antigamente, as festas de *Kapiwaya*, as cerimônias de jurupari, os ritos de iniciação das meninas e as festas de caxiri.

Chagas (2005) observa que a festa do *Kapiwaya* é uma cerimonia sagrada no qual relembra-se a reciprocidade dos irmãos maiores e menores, alianças exogâmica, as primeiras danças de “*Kapiwaya*” nas casas de transformações na criação dos Waikhana. Os cantos são entoados pelo mestre acompanhados pelos auxiliares participantes que saem dançando em pares. São usados instrumentos musicais feitos de embauba, penachos, pedra de quartzo, colar de dente de onça, brinco de ouro, tanga de tururi e pinturas corporais.

“As pinturas, ornamentos e objetos sagrados são de acordo com o ritual que se está celebrando, por exemplo na cerimônia de iniciação masculina, saem bem ornamentados com penas de araras, penas de tukano, pena de japu, pintados de urucum, *carayuru* e genipapo, varetas especiais de açoite [...]” (MARINHO, 2012, p.73).

Os alimentos são composto de comidas previamente preparados, aos iniciantes são disponiveis pimentas, e caxiri especial. Tal processo semelhante

10 Os *Bayá* são mestre de cantos, danças, músicas.

11 *Ipadú*, planta cultivada exclusivamente pelo homem.

a discussão de Maciel no tocante “modos de fazer” o alimento, são mais do que simples técnicas, são fatos, saberes e estão relacionados aos significados atribuídos aos alimentos e ao ato de alimentar [...] (MACIEL, 2006, p.68). Os modos de fazer seguem resguardos como por exemplo no caso da pimenta desde a plantação, a forma de colheita, preparo e recipiente onde são colocadas. Da mesma forma a colheita das frutas na mata, elas não são frutas que estão no mato por acaso, elas tem donos, elas são cuidadas, cultivadas e quando coletadas devem ser pedidas a seus donos. Há também dabucuri de frutas de acordo com a sazonalidade, exemplo dabucuri de frutas, buriti, japurá, açaí, bacaba, ingá, ucuqui, cucura do mato, dabucuri de peixe, caça.

Os instrumentos musicais são os mais diversos, flautas, bastões, chocalhos, buzina de cabeça ou osso de animais entre outros. Esses instrumentos não são meros objetos, recebem processo especial, que envolve pedido aos donos das plantas, dos animais, uma vez confeccionado os instrumentos são guardados por décadas.

Os *Dabucuris* são planejados e levam meses ou até anos para realizá-los a cerimônia. Das poucas lembranças que tenho sobre a cerimônia, a primeira foi do Dabucuri de buriti, quando criança na janela de uma casa de uma família Tuyuka. Vi os homens com cocares de penas amarelas, tornozeleira de sementes chaqualhava acompanhando as batidas dos pés no solo batido da casa. As mulheres com saias longas, pinturas faciais, flores no cabelo, crianças no colo acompanhavam suas mães no compasso das flautas de carriçú.

Em 2016, numa oficina de pinturas na comunidade do Balaio a convite da Sra. Jacinta Tukano e sua família, especialmente seu pai Sr. Casimiro¹², aprendi que as pinturas são previamente preparadas e benzidas, os grafismos também são de acordo com os clãs, nomes masculinos e femininos. Os adereços de plumagens variam conforme os rituais, dança indígena. Pinturas femininas se diferenciam dos masculinos, as mulheres não usam cocar¹³, é um acessório

12 Sr. Casimiro Tukano e sua filha Jacinta que ministraram a Oficina fiquei como moderadora.

13 Lembro de um evento o qual fui receber um prêmio de literatura indígena no Rio de Janeiro, meus colegas indígenas arrumaram um cocar e bracelete com penas amarelas e colocaram em mim. Senti mau por não saber de que povo era aquele lindo ornamento. A sensação foi triste, não havia tempo para negar, pois havia um público, jornalista, tive receio por está usando um acessório de outro povo e ao mesmo tempo explicar aos meus colegas essa sensação e eles pensarem de eu está com vergonha! Foi um momento difícil.

exclusivamente masculino. As mulheres usam flores de plantas especiais preso no cabelo e os homens além do cocar usam plantas especiais presa na mediação da cintura. Na referida oficina o Sr. Casimiro lembrou dos grande Dabucuri de antigamente, falou da importância de manter a cerimônia. Nesse contexto Marinho (2012, p.93) ressalta a importância do Dabucuri dos Yepamashã e o uso das flautas sagradas, os *Yaígí* (cetro dos poderes), cuias de ipadú, *kumurõ* (bancos para uso diversos), *Xarirĩ* (suporte) [...] objetos na cosmologia Tukano, desde a origem da humanidade.

Apesar dos objetos sagrados não serem trocados, os velhos relatam que muitos foram levados pelos missionários e viajantes. Algumas iniciativas de recuperação dos objetos sagrados ocorreram anos atrás pela FOIRN e associações indígenas do Uaupés, uma parte seguiu para Yauretê e outra ficou exposta na Loja Wariró¹⁴.

Considerações Finais

As iniciativas de revitalização dos objetos, das casas tradicionais e dos Dabucuris demonstram a resistência desses povos ao longo dos anos de contato. O Dabucuri ocorre em toda região, mas a simbologia dos rituais de dança, narrativas, dos objetos sagrados e a performances da cerimônia são invisibilizadas. Acredita-se que a partir das reflexões sobre a cerimônias do Dabucuri como patrimônio imaterial será possível revitalizar com vigor o conjunto de práticas de conhecimentos envolvidos em todas as etapas da organização e vivência da cerimônia.

Reconhecê-la como patrimônio imaterial contribui na manutenção viva de toda memória social, política e cultural desses povos, apesar da cerimônia do Dabucuri ocorrer com certa frequência, continua invisibilizada e marginalizada. No centro urbano são frequentes rumores¹⁵ de que os tais eventos são pontos de “índios bêbados”, “coisas de índio”.

14 Centro de comercialização de produtos dos povos indígenas do Alto Rio Negro, que foi incendiada em 2013 e os objetos sagrados foram queimados.

15 Os rumores partem de brancos e de uma parcelas de índios escolarizados.

Portanto há um vasto conhecimento milenar praticado em toda região do Alto Rio Negro. Verifica-se que há profundos conhecimentos que entrelaçam-se permitindo que saberes indígenas mesmo invisibilizados continuem resistindo.

Referências Bibliográficas

- BARRA, S. C. & DIAS, C. Org(2012) **Peixes, pescarias e os modos de viver no médio Rio Negro**. São Paulo, Instituto Socioambiental, 2012. Disponível em:<<https://www.socioambiental.org/en/o-isa/publicacoes/serie-pescarias-no-rio-negro-peixes-pescarias-e-os-modos-de-viver-no-medio-rio>>
- CALBAZAR, Aloísio; RICARDO, Carlos Alberto (Orgs). **Povos Indígenas do alto e médio Rio Negro**: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira. 3.ed.rev. São Paulo, Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, Foirn – Federação das organizações indígenas do Rio Negro, 2006.
- CALBAZAR, Aloísio (Org.). **“História de vida das plantas e agricultura indígena no Médio e Alto Rio Negro”**. In: Manejo do Mundo:conhecimentos e prática dos povos indígenas do rio negro, noroeste amazônico. São Paulo, Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, Foirn - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2010. p.192-203.
- CASTELLS, Alicia N.G. de. **“Políticas de patrimônio - entre a exclusão e o direito à cidadania”**. In: O público e o privado. Fortaleza: UECE – Universidade Estadual do Ceará, 2008.
- CHAGAS, Velasques José São Dorvalino. **Cosmologia, Mitos, Histórias**: O Mundo dos Pamulin Mahsã Waikhana do Rio Papuri. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2005.
- LOLLI, Pedro. **As redes de trocas dos Yuhupdeh no igarapé Castanha, através dos benzimentos (mihhiid) e das flautas Jurupari (Ti´)**.Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2010.
- LONDRES FONSECA, Maria Cecília **“Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural”**. In: Regina Abreu & Mario Chagas (Orgs.) Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro, Lamparina, 2009.
- MACIEL, Maria Eunice. **“Os sabores do patrimônio”**. In: Manuel Lima Filho e Márcia BEZERRA. Os caminhos do Patrimônio do Brasil.Goiânia: Alternativa, 2006.

- MARINHO, Ramos Oseias (Doe -Turoporã). **Identidade e Hierarquia entre os Turoporã do Rio Tiquié, Amazonas**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Pernambuco UFPE, 2012.
- MENENDEZ, Larceda Larissa. **Literatura Indígena, Memória e Resistência: a casa Universo na Obra de Gabriel Gentil e Luís Lana**. (UFMT) Polifonia, Cuiabá, MT, v.21.n.30, p,133-150, jul-dez.,2014.
- OLIVEIRA PACHECO, João de. **“Cidadania, racismo e pluralismo das sociedades indígenas na organização dos estados – nacionais”**. In: Revista do Patrimônio Histórico Nacional.Cidadania.No 24/1996(27-35)
- PEREIRA, Rosilene F. Criando Gente no Alto Rio Negro. Dissertação de mestrado, 2013, p.20-21.
- PAULA, de Cezar Nilton. **Povos Indígenas e Ação Missionária do Catolicismo no Alto Rio Negro: Evangelização X Autodeterminação e sobrevivência Cultural**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco –UFPE, p. 9-13. Recife, 2005.
- RODRIGUES, Raphael. **Relatos, trajetórias e imagens: uma etnografia em construção sobre os Ye’pâ-masa do baixo Uaupés (Alto Rio Negro)**. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, 2012.130f.
- SILVA, da Caetano Scolfaro Aline. **Falas Waikhana: Conhecimentos e transformação no alto rio negro (rio Papuri)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos- UFSCAR, São Carlos, 2012.